

O APORTE TEÓRICO NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO DE LETRAS: ARTICULAÇÃO ENTRE GRAMÁTICA, LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Rossaly Beatriz Chioquetta Lorenset¹

Thainá Verardo²

RESUMO

Este artigo apresenta estudo de cunho bibliográfico produzido durante o Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Letras da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), por meio da observação e da prática docente que foram realizadas em duas escolas de Educação Básica – Ensino Fundamental II e Ensino Médio – no Município de Xanxerê, SC. Vários aspectos emergiram durante a observação nas escolas: a falta do hábito da leitura afeta tanto a linguagem oral quanto a escrita, e a gramática é praticamente deixada de lado na atuação docente do sujeito-professor. Há que se ressaltar a importância do Estágio Curricular Supervisionado para a análise, interlocução e diálogo entre teoria e prática, desde o momento da construção do Plano de Ensino e, posteriormente, abarcando reflexões acerca dos desafios e das dificuldades que o professor enfrenta na atuação em sala de aula. Como aporte teórico que auxiliou no planejamento das atividades escolares, buscou-se envolver a leitura, a gramática e a produção de textos de gênero discursivo e, nesse entremeio, observou-se que trabalhar determinado gênero discursivo pode contribuir com a prática da leitura e o uso da gramática.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. Estágio Curricular Supervisionado. Leitura. Gramática. Gêneros discursivos.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta estudo de cunho bibliográfico produzido durante o Estágio Curricular Supervisionado do Curso de Letras da Universidade do Oeste de Santa Catarina, por meio da observação e da prática docente que foram realizadas em duas escolas de Educação Básica – Ensino Fundamental II e Ensino Médio – no Município de Xanxerê, SC.

Vários aspectos emergiram durante a observação nas escolas: a falta do hábito da leitura afeta tanto a linguagem oral quanto a escrita, e a gramática é praticamente deixada de lado na atuação docente do sujeito-professor. Ressalta-se a importância do Estágio Curricular Supervisionado para a análise, interlocução e diálogo entre teoria e prática, desde o momento da construção do Plano de Ensino e, posteriormente, abarcando reflexões acerca dos desafios e das dificuldades que o professor enfrenta na atuação em sala de aula. Compreendeu-se relevante o aporte teórico – do qual aqui será apresentado um recorte – que auxiliou no planejamento das atividades escolares: buscou-se envolver a leitura, a gramática e a produção de textos de gênero discursivo específico e, nesse entremeio, observou-se que trabalhar determinado gênero textual pode contribuir com a prática da leitura e o uso da gramática.

Divide-se este artigo em três partes: busca-se a ancoragem da gramática e, com Murrie (2002), as noções de gramática normativa ou prescritiva, gramática descritiva e gramática internalizada; apresenta-se a tessitura de reflexões acerca da leitura a partir do proposto nos PCNs (BRASIL, 1998) e as distintas maneiras de trabalhar a leitura – autônoma, colaborativa, em voz alta pelo professor, programada, de escolha pessoal – interligadas com a produção textual;

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal Fronteira Sul; Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professora na Universidade do Oeste de Santa Catarina; professora.rossaly@gmail.com

² Graduada em Letras pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; thainaaaverardo@gmail.com

estudam-se os gêneros discursivos de acordo com Bakhtin (2003): a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas, e infinitas são as possibilidades de o sujeito-professor aportar os gêneros na sua atuação docente.

2 A GRAMÁTICA

A gramática é o estudo da língua falada e escrita e pode contribuir para analisar os usos da linguagem de um falante de determinada língua. Portanto, a gramática é um conjunto de normas que guiam o uso do padrão-culto da língua na comunicação.

Conforme Cunha e Cintra (1985, p. 1), “A linguagem é um conjunto complexo de processos – resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social – que torna possível a aquisição e o emprego concreto de uma língua qualquer.” Já a língua, de acordo com os autores, é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos e pode ser traduzida como expressão da consciência de uma coletividade: nesse sentido, a língua é o meio pelo qual a coletividade concebe o mundo que a cerca e sobre ela age.

Entende-se que a gramática, para nos auxiliar no discurso, busca estabelecer a lógica e o padrão no uso da linguagem. Nesse sentido, para Houaiss e Villar (2009, p. 11), “a língua é considerada um autêntico alicerce da estrutura social”; além de ser útil na comunicação do nosso dia a dia, contribui para a aquisição sonora ou de imagens na nossa consciência.

Sobre a gramática, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, doravante PCNEM, afirmam que:

O conceito refere-se a um conjunto de regras que sustentam o sistema de qualquer língua. Na fala, fazemos uso de um conhecimento linguístico internalizado, que independe de aprendizagem escolarizada e que resulta na oralidade. Na escrita, também utilizamos esse conhecimento, mas necessitamos de outros subsídios linguísticos, fornecidos pelo letramento (conjunto de práticas que denotam a capacidade de usos de diferentes tipos de material escrito). (BRASIL, 1999, p. 60).

A partir da afirmação do documento, compreende-se que a gramática é um conjunto de regras que objetiva utilizar de forma padronizada a língua. Com isso, há diferenças substanciais entre o texto produzido oralmente e o produzido por escrito – modalidade que será melhor compreendida a partir do momento em que se passa pelo letramento escolar.

Assim, o estudo da gramática na escola é necessário, pois, como afirma Bechara (2009, p. 63), “[...] é a gramática que investiga o nível individual da linguagem, isto é, de um texto determinado”, analisando os aspectos funcionais de um texto. Em virtude do exposto, considera-se importante iniciar, o quanto antes, os estudos gramaticais na escola. A gramática, assevera Murrie (2002, p. 65).

[...] é de grande importância para o desenvolvimento da criança [...] Ela pode não adquirir novas formas gramaticais ou sintáticas na escola, mas graças ao aprendizado da gramática e da escrita, realmente torna-se consciente do que está fazendo e aprende a usar suas habilidades conscientemente [...]

De acordo com Chomsky (2009), entende-se que uma criança ou qualquer outro falante possui capacidade de utilizar algumas regras da gramática mesmo sem ter o conhecimento necessário, pois há uma gramática internalizada em seu cérebro. Por outro lado, estudos apresentam que, para poder obter bons resultados no aprendizado gramatical, é preciso que o aluno já tenha o hábito da leitura. Desse modo, Perini (2006, p. 27-28) afirma:

Ninguém, que eu saiba, conseguiu até hoje levar um aluno fraco em leitura ou redação a melhorar sensivelmente seu desempenho apenas por meio de instrução gramatical. Muito pelo contrário, toda a experiência parece mostrar que entre os pré-requisitos para o estudo da gramática estão primeiro, habilidade de leitura fluente e, depois, um domínio razoável da língua padrão [...] Assim, para estudar gramática com proveito, é preciso saber ler bem – o que exclui a possibilidade de se utilizar a gramática como um dos caminhos para a leitura.

De acordo com o autor, um aluno que não é bom na leitura e na escrita não irá melhorar seu aprendizado apenas aprendendo gramática. Ao contrário, para compreender a gramática, é necessário antes que esteja em prática constante da leitura e da produção de textos, mesmo que estes ainda estejam em processo de aprendizado.

Murrie (2002, p. 70-76) apresenta a definição de três gramáticas:

- a) *Gramática normativa ou prescritiva: conjunto de regras que devem ser seguidas* – pressupõe-se que há apenas uma única maneira de se falar e escrever corretamente e entende-se, sob essa óptica, que quem escreve e lê bem pode dominar os setores econômicos e sociais. Faz da gramática um padrão escolhido e se põe a respeitar suas regras. O fundamental dessa gramática é o objetivo de a escrita ser respeitada como culta e de boa qualidade. A gramática normativa ou prescritiva deve ser dominada pelo aluno, contudo, há quem a avalie como desnecessária, pois o aluno de Ensino Médio se enuncia oralmente ou por escrito com a prática do conhecimento diário e da língua materna; portanto, as regras normativas servem como mais uma forma para a análise da língua.
- b) *Gramática descritiva: conjunto de regras que são seguidas* – não há certo ou errado na gramática descritiva, mas há diversas manifestações linguísticas de acordo com as suas condições de uso. Na abordagem descritiva, o estudo da gramática transforma o que é considerado errado naquilo que é diferente, processando e potencializando o novo, ou seja, a língua é usada como meio de comunicação entre os falantes, sendo o estudo dessa gramática formal e que descreve regras da língua falada. A gramática descritiva apresenta as línguas de acordo como elas são, suas regras e seu funcionamento; ela explica como é determinada língua.
- c) *Gramática internalizada: conjunto de regras que os falantes conhecem* – essa gramática prepara o falante desde o momento em que ele começa a praticar a linguagem, ou seja, nesse momento de aquisição da fala não há “certo” ou “errado”, a criança exercita a língua de acordo com as suas condições. A gramática descritiva é um conjunto de regras que o falante conhece e domina.

Essas gramáticas fazem parte do cotidiano e mostram as diferentes possibilidades de expressão de um falante. Por conseguinte, entende-se que a gramática – imbricadas e contempladas as três definições de Murrie (2002) – deve ser trabalhada na escola desde o início da escolaridade: assim, o ensino da gramática poderá contribuir com a comunicação eficaz e efetiva, dentro dos limites da norma-padrão. Ressalta-se que as gramáticas devem ser administradas – no sentido de gerenciar, de gerir, de decidir – pelos professores, e cabe a eles dimensionarem o estudo e o uso da gramática com seus alunos.

2.1 LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

A leitura é uma atividade que permite o acesso a conhecimentos e informações e desenvolve o intelecto. Porém, diante das novas tecnologias de informação e comunicação, ela vem sendo deixada de lado, sendo ocupada pelos celulares e computadores. É um desafio o hábito da leitura. A leitura convencional precisa ser atividade constante – seja de revistas, jornais e livros, seja de outros materiais impressos – do aprendiz e poderá contribuir para ampliar o repertório vocabular do leitor.

Nesse sentido, Infante (2005, p. 44) afirma

O ato de ler é geralmente interpretado como a decodificação daquilo que está escrito. Dessa forma, saber ler consiste num conhecimento baseado principalmente na habilidade de memorizar sinais gráficos (as letras). Uma vez adquirido tal conhecimento, a leitura passa a ser um processo mecânico prejudicado apenas por limitações materiais (falta de luz ou mau estado do impresso, por exemplo) ou por questões linguísticas (palavras de significado ignorado ou frases muito complexas).

Assim, é lendo que se desenvolve melhor a capacidade de aprendizado, como a interpretação, que amplia o conhecimento e facilita a comunicação, e a interação, que constitui os membros de uma comunidade, pois, de acordo com Infante (2005), a vida social do ser humano se constitui a partir da capacidade de interagir com seus semelhantes por meio da língua.

Outrossim, pode-se igualmente constatar que o hábito da leitura deve começar desde cedo, pois quanto antes a criança for iniciada no *mundo da leitura*, menos dificuldades terá em compreender o que lê e em produzir *sobre*. Com

isso, compreende-se que os familiares e os professores desempenham papel fundamental para que as crianças compreendam a importância da leitura, valorando-a e tornando-a prazerosa em seu cotidiano.

Dessa maneira, a partir das observações nas escolas efetuadas no Estágio Curricular Supervisionado, as atividades de leitura não estão tão presentes quanto deveriam, mas há professores que trabalham essa questão, pois sabem a importância que ela terá na vida dos alunos. Afinal, é fundamental ler e apreciar um livro, uma revista ou mesmo um jornal, atribuindo-lhe sentidos, relendo, compreendendo, comparando-os com outros materiais, num diálogo intertextual, fazendo debates em sala. Dessa forma, no início da atividade leitora, o mais importante não é o que o aluno vai ler, mas que a sua leitura o faça refletir sobre o que leu.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p. 72-73), são várias as maneiras que se pode trabalhar a leitura com os alunos:

- a) Leitura autônoma: é a leitura em que o aluno pode individualmente ler textos, com os quais ele tenha desenvolvido algum conhecimento;
- b) Leitura colaborativa: é uma atividade que tem como finalidade ler e estudar um determinado texto em conjunto com os colegas e com o professor;
- c) Leitura em voz alta pelo professor: permite o acompanhamento do aluno com a leitura;
- d) Leitura programada: é uma atividade didática que serve para discutir um texto em conjunto considerado de difícil compreensão para os alunos;
- e) Leitura de escolha pessoal: é uma atividade didática que tem como objetivo desenvolver o comportamento do leitor.

Essas sugestões de leitura contribuem para a formação de um leitor. Com base no exposto, envolvendo a leitura e a produção de textos, podemos interligar essas atividades de forma contínua na escola, a fim de aprimorar os conhecimentos para desenvolver a facilidade da interpretação, para que, assim, os alunos possam ter menos dificuldades no momento de ler ou de produzir um texto.

2.3 GÊNEROS DISCURSIVOS

Para Bakhtin (2003, p. 262), cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais o autor denomina gêneros do discurso. Assim, na teoria bakhtiniana, a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas: os gêneros orais e escritos estão presentes no dia a dia e não se percebe a utilização deles. O autor classifica os gêneros em primários e secundários. Os gêneros primários são simples. Eles ocorrem nas condições da comunicação discursiva e interagem com os secundários, que se modificam e adquirem caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais alheios. Já os secundários são complexos (romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, grandes gêneros publicitários, etc.) e ocorrem de acordo com o convívio cultural.

De acordo com Cereja e Magalhães (2009, p. 13, grifo dos autores):

Os gêneros discursivos geralmente estão ligados às *esferas de circulação*. Assim, na esfera jornalística, por exemplo, são comuns os gêneros como notícias, reportagens, editoriais, entrevistas e outros; na esfera de divulgação científica são comuns os gêneros como verbete de dicionário ou de enciclopédia, artigo, ensaio científico, seminário, conferência.

Os gêneros discursivos nem sempre implicam a escrita, mas pressupõem a produção anterior de leitura, para que os alunos possam se apropriar das características dos gêneros que irão trabalhar. Por meio da análise, percebe-se que são vários os gêneros discursivos que se pode trabalhar em sala de aula, como produzir críticas de filme, fazer cartões para datas comemorativas, entre outros.

Dessa forma, Dionísio, Machado e Bezerra (2005, p. 49) destacam que os gêneros discursivos organizam nossa fala da mesma maneira que dispõem as formas gramaticais: aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvirmos o outro, sabemos pressentir a que gênero pertence.

Considerando esses aspectos, os gêneros possibilitarão ao aluno uma nova concepção com suas produções textuais, e Schneuwly e Dolz (2004, p. 26) destacam três elementos que os caracterizam:

- a) conteúdo temático: há a escolha de um gênero, para certa situação definida por um certo número de parâmetros: finalidade, destinatário, conteúdo, ou seja, o conteúdo temático é o tema/assunto abordado por um determinado gênero;
- b) estilo: apoiando-se em Bakhtin (2003, p. 265-266), o estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso, e relaciona-se, por exemplo, às variedades estilísticas da língua: o discurso do livro, o discurso popular, etc. O estilo, por decorrência, integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento. Assim, o estilo corresponde aos recursos linguísticos utilizados e mobilizados pelo falante;
- c) construção composicional: os gêneros possuem certa estabilidade: eles definem o que é dizível, eles possuem certa estrutura definida por sua função, ou seja, é a estrutura modular do enunciado.

Esclarece Bakhtin (2003, p. 285):

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregarmos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade singular da comunicação (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso.

Bakhtin (2003) mostra que quanto mais se conhecem os gêneros e quanto mais se tem domínio sobre eles, melhor será para a comunicação e compreensão de um diálogo. Nesse sentido, infere-se que é necessário dominar bem os gêneros para empregá-los voluntariamente, pois, de acordo com o autor, “[...] nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras.” (BAKHTIN, 2003, p. 283). Dessa forma, os gêneros tornam-se comuns na comunicação, e a prática deles ocorre sem perceber e, assim, durante uma interação, pode-se notar qual é o gênero que a pessoa está utilizando, e isso já está no inconsciente. Enfim, os gêneros organizam o discurso, razão por que trabalhar em sala de aula com os estudantes de língua.

3 CONCLUSÃO

Por meio do Estágio Curricular Supervisionado em Letras, constatou-se que as práticas de ensino-aprendizagem precisam ser planejadas para obter êxito no processo. Percebeu-se também que a educação deve oferecer aos alunos da Educação Básica meios para que possam se desenvolver com conhecimento e criticidade. Observou-se que, no ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, faz-se mister aportar os gêneros discursivos, articulados à prática da leitura e ao ensino da gramática; dito de outra forma, são pilares de sustentação do ensino de língua e devem estar presentes na prática docente do sujeito-professor.

Se o Estágio Curricular Supervisionado possui como objetivo fundamental proporcionar preparo para a atuação do profissional da área de Letras, compreende-se que cada etapa concluída contribuiu na (in)formação, para que sujeito-estagiário possa se tornar professor no sentido lato da palavra: e a etapa da construção do arcabouço teórico é um dos degraus desse percurso, desse processo, hierarquicamente tão importante quanto o planejamento, a observação e a atuação docente, pois é o lastro e a base de sustentação.

A realização do Estágio Curricular Supervisionado em Letras promoveu diversos momentos de análise, reflexão e produção de conhecimento, essenciais à (in)formação do profissional de Letras. Foi possível perceber que as dificuldades encontradas no ensino-aprendizagem e apropriação de saberes linguísticos dos alunos são muitas, entretanto cabe ao sujeito-professor instigar o aluno na aquisição do conhecimento, envolvendo-o no meio escolar e contribuindo com uma ação educativa transformadora. Por derradeiro, salienta-se que este estudo não é conclusivo: é um olhar que se abre a novas pesquisas e a olhares científicos outros. Ratifica-se que o Estágio Curricular Supervisionado auxiliou

inclusive no amadurecimento pessoal e intelectual do sujeito-estagiário-pesquisador, contribuindo para fortalecer a formação do profissional da área da linguagem, do profissional de Letras.

The theoretical contribution in the Supervised Curricular Internship: the study of grammar articulated with the reading and production of texts under of discursive genres

Abstract

This article presents a bibliographic study produced during the Supervised Curricular Internship of the course of Letters of the University of the West of Santa Catarina - Xanxerê, through observation and teaching practice that were carried out in two schools of Basic Education – Elementary Education II and Teaching Medium - in the city of Xanxerê (SC). Several aspects emerged during the observation in schools: the lack of reading habits affects both oral and written language, and grammar is practically neglected in the subject-teacher's teaching performance. It is necessary to emphasize the importance of the Supervised Curricular Internship for the analysis, interlocution and dialogue between theory and practice, from the moment of construction of the Teaching Plan and, later, reflecting on the challenges and difficulties that the teacher faces in the classroom of class. As a theoretical contribution that aided in the planning of school activities, we sought to involve reading, grammar and the production of discursive genre texts and, in the meantime, it was observed that working with a certain discursive genre can contribute to reading practice and use of grammar.

Keywords: Teaching Portuguese Language in Basic Education. Supervised internship. Reading. Grammar. Discursive Genres.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília, DF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, DF: MEC/SEMTEC, 1999.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atual, 2009.

CHOMSKY, N. **Linguagem e mente**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Luzerna, 2005.

HOUAISS, A., VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INFANTE, U. **Curso de gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 2005.

MURRIE, Z. de F. (Org.). **O ensino de português: do primeiro grau à universidade**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2006.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.